
“E FOI ENTÃO QUE EU ME ENTENDI MULHER”: O OLHAR NEGRO-FEMININO SOBRE A OPRESSÃO INTERSECCIONAL DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE

“E FOI ENTÃO QUE EU ME ENTENDI MULHER”: THE BLACK-FEMALE LOOK AT THE INTERSECTIONAL OPPRESSION OF GENDER, RACE AND SEXUALITY

Oluwa Seyi Salles Bento¹

Resumo: O presente ensaio pretende analisar o conto “Isaltina Campo Belo”, de autoria da escritora mineira Conceição Evaristo, e discutir como é tratada a questão da interseccionalidade de gênero, sexualidade e raça na Literatura afro-brasileira de autoria feminina. Sem perder de vista o referencial teórico pertinente ao tema, como Cordeiro (2015), Crenshaw (2002), Evaristo (2005), Lamanes (2017), e outros, intentamos compreender de quais mecanismos de construção de narrativa a autora lança mão a fim de apresentar uma protagonista complexa e não apenas uma vítima de suas experiências de vida.

Abstract: This article intends to analyze the short story “Isaltina Campo Belo”, written by Conceição Evaristo and to discuss how the issue of gender, sexuality and race intersectionality is dealt with in the Afro-brazilian literature of female authorship. Without losing sight of the relevant theoretical framework to this theme, as Cordeiro (2015), Crenshaw (2002), Evaristo (2005), Lamanes (2017), and others, we try to understand which mechanisms of narrative construction the author uses in order to present a complex protagonist and not just a victim of her life experiences.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; interseccionalidade; Literatura Afro-brasileira; Autoria feminina.

Keywords: Conceição Evaristo; Intersectionality; Afro-brazilian literature; Female authorship.

Introdução

O Brasil é um país majoritariamente negro e feminino, sendo composto por 54% de pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas e 52% de mulheres, segundo o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010. Segundo a perspectiva adotada pelo pesquisador Muniz Sodré na conceituação de *minoría*, ainda que as mulheres e os negros sejam grupos de grande expressividade quantitativa, que criam estratégias de resistência aos desdobramentos vio-

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com pesquisa intitulada “Orixá e literatura afro-brasileira: a esteticização dos arquétipos da deusa iorubá Oxum em narrativas de Conceição Evaristo”. Bolsista CAPES.



lentos de mazelas sociais, como o racismo e o machismo, são grupos minoritários que experimentam a vulnerabilidade jurídico-social (SODRÉ, 2005). De forma semelhante, mas sem dados oficiais, a comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual, Queer e Intersexual (LGBTTQI) também é um grupo com quantidade expressiva e que sofre violências sistêmicas e naturalizadas².

O Movimento Negro, o Feminista e o LGBTTQI, paralelamente aos posicionamentos individuais de pessoas que não são coniventes com as opressões sofridas por grupos minoritários, exercem pressões sociais e políticas para que haja a resolução de casos isolados de manifestação de preconceito motivado por discriminação racial, sexual ou de gênero e para a criação e manutenção de políticas de inclusão e proteção destes grupos. No entanto, o Movimento Negro é, por vezes, uma comunidade machista e LGBTTQIfóbica e que, em dadas circunstâncias, deslegitima as experiências e dores das mulheres e dos sujeitos não heteronormativos e cisgêneros do grupo; o Feminismo³, numa postura similar, por vezes configura-se como uma organização na qual privilegia-se a perspectiva branca e cisgênero, tanto na teoria estudada, quanto nas relações interpessoais; o Movimento LGBTTQI, em dados momentos, também possui posicionamentos racistas e misóginos. Sendo assim, mulheres negras lésbicas ou transexuais têm, de forma contumaz, suas experiências secundarizadas e suas vozes silenciadas em movimentos que deveriam abraçá-las e demonstrar empatia por suas vivências.

Mulheres negras, segundo o Censo já referido, formam 25% da população brasileira. São, além disso, o grupo que mais sofre violência doméstica e obstétrica, mais vive em situação de pobreza e mais é afetado pelo feminicídio⁴. No entanto, muitos desses dados são desconsiderados ou têm pouca projeção midiática em decorrência do racismo estrutural, que faz com que a sociedade brasileira, no geral, não tenha qualquer sensibilidade à dor e senso de responsabilidade pela subalternidade de sujeitos negros no Brasil. Além desses fatores, pesa nesta equação a naturalização da inferiorização das mulheres, sobretudo as negras, a qual é histórica e sistêmica.

A *interseccionalidade*, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw, advogada e professora (UCLA/ Columbia),

É uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 117)

2 Dados sobre a porcentagem de homossexuais no país ainda não foram levantados pelo IBGE.

3 Não me refiro aqui à vertente adjetivada como negra do movimento feminista.

4 Informações extraídas do site Dossiê violência contra as mulheres. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>>.



A perspectiva interseccional, como caminho de análise social, é um meio de assegurar que a opressão a sujeitos cuja identidade não é socialmente respeitada seja abordada, estudada e compreendida, a fim de que seja combatida com maior consciência de suas causas e danos.

Para o filósofo Charles Taylor, a invisibilidade, a subalternização e a representação contra-producente são responsáveis por impossibilitar a identificação de grupos socialmente oprimidos com aquilo que é produzido artisticamente ou veiculado nas mídias acerca deles e por turvar a visão que essas comunidades têm sobre si, gerando o que Taylor denomina “reconhecimento errôneo” ou, simplificando, internalização e reprodução das opressões experienciadas.

A agência literária feminina e negra, num processo de denúncia e tematização consciente e produtiva das questões da ordem das opressões interseccionais⁵, elege personagens negras, femininas, lésbicas, transexuais, mães, afro-religiosas, marginalizadas e silenciadas por suas condições ou escolhas, cedendo-lhes centralidade e voz. Para além disso, lhes devolve a dignidade que fora despojada em diversas circunstâncias de suas experiências. Não lhes entrega perfeição, superioridade ou uma narrativa plenamente feliz, mas lhes garante complexidade e possibilidades, algo que a realidade e algumas obras literárias menos comprometidas com a desconstrução de estereótipos nem sempre proporcionam. Segundo Conceição Evaristo,

Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. (EVARISTO, 2005, p.6)

Como exemplo deste processo executado na Literatura Afro-brasileira, podemos apontar o conto “Isaltina Campo Belo”, de autoria de Conceição Evaristo. Neste conto, no qual narra-se a experiência de uma personagem bastante marcada pelo racismo, pelo sexismo, pelo machismo, pela lesbofobia, pela hipersexualização de seu corpo, pela violência e pela normatização sexual, percebemos como a perspectiva da autoria negro-feminina é precisa em construir uma personagem complexa, e não uma refém passiva a tudo que sofre ao longo da narrativa.

Esta produção literária demarcada em gênero e pertença étnica, segundo a pesquisadora Ana Rita Santiago da Silva,

5 “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 117).



(...) se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Por esse projeto literário, figuram-se discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que(re) inventam a si/nós e cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. (Silva, 2010, p. 178)

Esta postura de construção de personagens e narrativas, por parte de autoras negras, é profícuca e reconstitutiva de humanidade no processo de esteticizar sujeitos oprimidos pela sociedade.

“Isalita Campo Belo” - O Gênero, a Raça e a Sexualidade de Segunda Classe

Conceição Evaristo, em sua produção literária, consegue representar mulheres que, em decorrência de suas cores de pele, corpos, sentimentos ou desejos, são cotidianamente humilhadas, obrigadas a se encaixar em categorias que não correspondem às suas identidades, violadas ou, em situações mais extremas e agressivas, assassinadas. No entanto, num processo fino de construção de subjetividade, essas personagens são mais que suas feridas: são sujeitos plenos de complexidade e não personagens-tipo, associadas à debilidade ou à completa resignação às suas condições.

O conto “Isaltina Campo Belo”, que integra a coletânea de textos de mesmo gênero intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*, narra a história de uma mulher negra que, mesmo tendo experiências que poderiam lhe tornar menos afetuosa ou aparentemente alegre, segue sorridente e doce. Isaltina, mulher cuja face não denuncia a idade, é a caçula de uma família negra e modesta, mas que não sofria a miséria material. Recebeu educação e afeto de todos a seu redor e viveu uma infância tranquila mas, segundo seu relato já em fase adulta, sua família falhou em não percebê-la como de fato era: um menino. Ao descrever sua infância e suas dúvidas acerca de sua identidade de gênero, Isaltina põe luz sobre como experienciou os papéis sociais de gênero. Quando refere-se ao fato de sentir-se um menino e, em razão disso, ter as roupas e o tratamento que não correspondiam ao gênero masculino, é válido que nos questionemos se o gatilho do desconforto é de fato uma rejeição ao corpo feminino, ligada à incongruência entre gênero e sexo biológico, ou uma extrema recusa à adequação aos papéis de gênero que nos são impostos como naturais desde a mais tenra infância. Os momentos iniciais do conto não nos dão respostas prontas, mas nos provocam e nos fazem ora tender à primeira



possibilidade de análise, ora à segunda. Essas provocações nos são feitas, inclusive, nas descrições aparentemente neutras do convívio entre Isaltina e sua família. A personagem esperava que sua mãe, a qual adjetiva como sua algoz, fosse a primeira, senão a única, a perceber o engano de criar e tratar um menino como se este fosse menina, posto que, para além da profissão de enfermeira, o que lhe fornecia maiores conhecimentos sobre o corpo humano, a ligação assumida entre uma mãe e sua prole não permitiria tal deslize. Em contrapartida, seu pai era isento da culpa pois, além de passar muito tempo trabalhando, não lhe era socialmente imposto que conhecesse tão profundamente a seus filhos. Além disso, a liberdade que era cedida ao irmão mais velho de Isaltina - o único dos filhos a quem a mãe dava permissão para subir em árvores durante a infância, embora as meninas também subissem enquanto a mãe não estava presente - também denuncia o quanto as famílias, ainda que amorosas e bem estruturadas, reproduzem pequenas (e não tão pequenas) opressões. A aparente união do grupo familiar não garantiu que Isaltina confessasse como se sentia em relação à sua identidade de gênero na infância, nem que fora abusada sexualmente por um grupo de homens durante uma festa e tampouco que sua filha era fruto dessa violência segredada.

Até a leitura do penúltimo parágrafo do conto, que é o momento em que Campo Belo sente-se, de fato, mulher, (e não somente *aceita* o dado biológico de ter seios, menstruar e poder gerar um filho) o leitor não consegue desvendar se Isaltina, na realidade, identifica-se enquanto homem trans e, na soma, depois das muitas agruras vividas por ela, essa questão acaba sendo soterrada pela violência e ignorada pela personagem. Não é possível inferir em que medida “trazer um menino em si” é a definição de um aspecto psicológico da transexualidade ou apenas uma livre associação, que parte da normatividade cisgênero, de que a atração que uma mulher lésbica sente por outra mulher é idêntica à que um homem heterossexual sente e, logo, em decorrência da anormalidade que configuraria tal sentimento, a única justificativa possível para tal atração seria que a personagem abrigasse um homem heterossexual dentro de si.

A dubiedade e a aparência que, em alguns aspectos, não condizem à realidade dos fatos são mecanismos dos quais Conceição Evaristo se vale ao construir a personagem Isaltina e suas experiências, algumas das quais são tristes e violentas em decorrência da incapacidade de compreensão ou categorização, segundo a lógica da normatividade de gênero e sexualidade, por parte da personagem principal e daqueles que a rodeiam. A aparência de Isaltina (a qual prefere ser chamada de Campo Belo, que, como sobrenome, não possui marcas de diferenciação de gênero, no geral) era de uma mulher que possuía, segundo a narradora inicial do conto - uma mulher, cujo nome é desconhecido no conto e na obra que este integra, mas que demarca-se racialmente como negra também e chega à casa de Isaltina para conhecê-la e colher sua história de vida - “rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher, que no máximo teria os quarenta anos” (EVARISTO, 2016,



p. 56), apesar do fato de ter grande quantidade de cabelos brancos e sua filha já contar 35 anos de idade. Esta atmosfera de indeterminação, de impossibilidade de simplesmente encerrar a identidade de gênero ou faixa etária de Isaltina em uma classificação arbitrária parece uma situação que ocorre também à autora do conto. Seria plenamente aceitável caso a narrativa se findasse e Isaltina permanecesse nessa zona cinzenta entre os gêneros, caso isso não lhe trouxesse mais sofrimento como na infância.

No entanto, nos momentos finais do conto, logo após Campo Belo conhecer Miríades, a mulher por quem se apaixona, a protagonista da obra dá-se conta, mediante recordações de experiências marcantes de sua vida em que sentiu-se um menino ou foi obrigada a adequar-se aos papéis de gênero, de que nunca houve uma pessoa do sexo masculino em seu interior. Sem maiores explicações psicologizantes sobre a descoberta (ou aceitação), Isaltina permite que sua sexualidade tão reprimida e motivo de tanta omissão e fuga finalmente seja experimentada.

Muito antes, porém, de finalmente concretizar os desejos lesboafetivos que, ao mesmo tempo, cultiva e esconde desde bastante jovem, Isaltina tem sua sexualidade desrespeitada e violentada. Esta violência se deve à concepção de que mulheres dirigem, via de regra, seus desejos sexuais a sujeitos do sexo masculino, ainda que garantam o contrário. Já no caso de mulheres negras, acredita-se também que possuem libido elevadíssima e incontrolável. Sobre esta última crença, cabe ressaltar que se trata de uma visão histórica, datando do período escravocrata, que coaduna várias opressões: o racismo, sob a forma da hiperssexualização do corpo negro; o machismo; e, como na situação do conto, a lesbofobia com o agravante da violência sexual (estupro coletivo e com fim disciplinar).

Angela Davis, em seu *Mulheres, Raça e Classe*, comenta o lastro racista e colonizador da violência sexual contra mulheres negras, associando-a a essa naturalização da mulher escravizada enquanto essencialmente devassa. Segundo Davis, “essas agressões [sexuais] têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais” (DAVIS, 2016, p. 175).

Na obra de Evaristo, o personagem que tenta, por diversas vezes, manter uma relação afetivo-sexual com Isaltina, no início tenta uma aproximação gentil e amigável, não demonstrando o quão perigoso pode tornar-se para a moça. Depois da recusa de Isaltina em manter com ele uma relação mais íntima e também da explicação de seus motivos, o até então cortês pretendente mostra ser, na realidade, um receptáculo de pré-conceitos. O rapaz diz ser capaz de *fazê-la mulher* e assume a impossibilidade da ausência de desejo, por conta da pertença racial de Isaltina. Por fim, apesar das contínuas rejeições de Campo Belo às investidas do rapaz, ele prepara uma armadilha para *ensiná-la a ser mulher*: uma mentira sobre uma festa de aniversário com colegas que, na verdade, se trata de uma reunião de seis homens (dentre os quais, cinco eram desconhecidos por ela), com o propósito

drogá-la e estuprá-la.

A inexperiência, o choque e a sensação de impotência pelo ocorrido contribuíram para que Isaltina não notasse as mudanças que uma gestação causa ao corpo feminino. A criança gerada pela violência, no entanto, fora amada e cuidada, pois Isaltina não depositara em sua filha a raiva que a agressão sexual com razão lhe despertara. Essa preferência narrativa, de construir mulheres negras enquanto mães, é muito característica da obra de Conceição Evaristo.

A literatura brasileira canônica, no geral, privou mulheres negras do lugar social e afetivo de mãe biológica, relegando a estas a infecundidade, a promiscuidade e o papel de ama de leite e cuidadora, como nos aponta a pesquisadora Fabiana Carneiro da Silva, em sua tese doutoral *Maternidade negra em Um defeito de cor* (2017). Sobre esse tratamento recorrente dispensado à mulher negra, Conceição Evaristo afirma que,

Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido. (EVARISTO, 2005, p. 2)

Sendo assim, obedecendo à lógica do pensamento evaristiano, a maternidade não configura um peso ou uma imposição social para a personagem porque, assim como Isaltina afirma ao relembrar-se de sua gravidez, conceber uma criança não lhe era um desejo e tampouco um risco. Walquíria chega como um hiato de amor quando tudo que o mundo oferecia era incompreensão e violência; surge como uma companhia na vida que Isaltina pretendia celibatária, até o encontro com Miríades.

Formaram, as três, uma família. Foram, por anos a fio, o que muitas famílias heteronormativas não seriam capazes: fiéis, unidas, felizes. Contrariando uma ideia muito associada a relacionamentos homo e lesboafetivos, não experienciaram um romance tórrido e lépido, mas sim um amor que somente a morte findou. Em relação a isso, a pesquisadora Hildalia Cordeiro comenta que

Finalizamos a narrativa objetivando desconstruir mais um estereótipo: a ideia de lesboeroticidade ligada necessária e obrigatoriamente à noção de promiscuidade. Depois do falecimento da companheira, Miríades, a narrativa se finda e não deixa espaço, nem oferece pistas de que existiram outras mulheres, quanto mais em profusão. (CORDEIRO, 2015, p.12)

Cordeiro continua e afirma que



A escrita de Evaristo apresenta-se como uma proposta de positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente sempre foram colocadas à margem e quando estavam presentes na literatura canônica eram sempre tratadas com menosprezo, ridicularizadas, condenadas e colocadas no ostracismo. (IBIDEM)

Segundo Judith Butler (2003), essa abjeção da qual são alvos as mulheres que ousam se amar e desejar-se entre si está ligada à ideia de que as mulheres só são consideradas minimamente úteis se subordinadas ao homem. Quando a mulher rompe com essa compreensão de si e se emancipa dessa relação no campo amoroso e sexual, perde a proteção do patriarcalismo e se torna uma ameaça à estrutura de poder. Assim sendo, sua existência e práticas são associadas à heresia, à promiscuidade e à loucura.

Numa perspectiva complementar à posta por Butler, a pesquisadora Eduarda Lamanes, realizando um balanço racial acerca da lesboafetividade, aponta que

Embora as mulheres negras sejam vistas como lascivas, essa característica está sempre associada à servidão ao homem; da mesma forma, a mulher branca e pura poderá abdicar de sua castidade para a satisfação masculina. A lesbiandade é a negação dessa servidão e, ainda que o racismo vá, em muitos pontos, intensificar a violência contra lésbicas negras, sem dúvidas o alijamento de todas as mulheres em relação ao seu prazer e de suas pares estará sempre presente como forma de condenação ao envolvimento sexual que prescinde de homens. (LAMANES, 2017, p. 8-9)

No entanto, vale muito ressaltar que esta análise não tem por fim pontuar que um relacionamento monogâmico é a única possibilidade de satisfação afetiva para mulheres lésbicas ou heterossexuais, ou que este modelo de relação é mais ou menos válido ou positivo que outros. Busca-se, no entanto, dar luz a uma perspectiva terna num contexto social e literário em que mulheres negras de qualquer orientação sexual são constantemente consideradas parceiras aceitáveis apenas para relações efêmeras, ocasionais ou marcadamente sexuais. Construir uma personagem negra que tem a possibilidade de ocupar um papel para além do que lhe é recorrentemente condicionado, mesmo sendo este absolutamente tradicional, naturalizado e quase compulsório para uma personagem branca é, para além de necessário, humanizador e emancipatório. Nesta aparentemente simples escolha narrativa, Conceição Evaristo assevera que mulheres negras e lésbicas merecem o amor, na vida e na ficção.



Considerações Finais

A Literatura Afro-brasileira surge com a demanda de imprimir na literatura - que é espaço de disputa e poder - a visão que sujeitos negros conscientes de sua condição social e dos motivos que a desencadeiam têm sobre seu grupo racial. Sendo assim, essa presença é parte da concretização do processo de democratização do fazer literário, do papel de autor e de temas e abordagens que a literatura passa a comportar (DUARTE, 2011). Neste processo, esta e tantas outras narrativas tornam-se possíveis na medida em que uma mudança de perspectiva é executada: o olhar e a voz de sujeitos que pertencem aos grupos minoritários são os que testemunham e enunciam as próprias experiências e as dos demais. Desta forma, forja-se um espaço de autodeterminação, no qual é possível abolir a categoria de Outro, de diferente dos mais demais, de objeto.

O conto “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo, não é construído por circunstâncias ou experiências fantásticas, com teor idealizado ou impraticável, a fim de romantizar a vivência da personagem ou aprisioná-la ao papel de vítima. Ao contrário, tem como ponto de partida narrativas que muito ocorrem em nossa sociedade, sobretudo com sujeitos que possivelmente se identificariam com a personagem Isaltina pela raça, pela sexualidade ou pelas experiências vividas, transformando-as em tema literário. E, ainda que mulheres negras já sejam um lugar-comum na Literatura Brasileira, há uma enorme diferença entre o tratamento dado à personagem nesta obra e o que é recorrentemente dispensado em obras canônicas, por exemplo, sobretudo no que tange à profundidade psicológica que lhe é atribuída e os papéis que pode ocupar. Como já pontuado anteriormente, a noção de que as personagens negras possuem possibilidades e não são apenas conformadas de seus papéis de escravizadas, pobres, solitárias e objetos de prazer e enriquecimento alheio é fundamental e revolucionário. É essa perspectiva que torna possível que Isaltina passe por situações de sofrimento e violência, mas não seja um reflexo dessas dores. A personagem é muito que suas cicatrizes! Ela é filha querida, mãe orgulhosa, profissional capacitada e mulher que experienciou o amor.

Por fim, Conceição Evaristo, em seu artigo já mencionado, lança mão de uma explicativa definitiva do papel da literatura de autoria negro-feminina. A autora afirma que “pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p.7).



Referências Bibliográficas

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORDEIRO, H. A escrita negra feminina e lesboafetividade no conto Isaltina Campo Belo de Conceição Evaristo. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 4, 2015. *Anais do IV Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, Salvador: UNEB, 2015. Disponível em: <www.uneb.br/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.10, n.1, 2002, p.171-188.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: __; FONSECA, M. N. S. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf>

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>>

_____. Isaltina Campo Belo. In: __. *Insubmissas lágrimas de de mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

LAMANES, E. Entre elas: relações afetivo-sexuais entre mulheres negras em “Beijo na face” e “Insubmissas lágrimas de mulheres”, de Conceição Evaristo. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 5, 2017, Salvador. *Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*. Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID850_18062017222028.pdf>

SILVA, A. R. S. da. A Literatura de escritoras negras: uma voz (des)silenciadora e emancipatória. *Interdisciplinar*, v. 10, ano 5, jan-jun de 2010. p. 175-188.

SILVA, F. C. Maternidade Negra: a representação literária como ruptura do nacionalismo. In: __. *Maternidade Negra em Um Defeito de Cor: história, corpo e nacionalismo como questões literárias*. São Paulo, 2017. 209f. Tese de Doutorado (Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-28032018-104918/pt-br.php>> Acesso em: 5 set. 2019.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Comunicação e cultura*



das minorias. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11-14.

TAYLOR, C. A Política do reconhecimento. In: *Argumentos Filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 241-274.

